

MULHERES RUSSAS: FACES FEMININAS EM REVOLUÇÃO – ZINAIDA EVGENLEVNA SEREBRIAKOVA – UM EXEMPLO NA ARTE

ALEXANDRE HONRADO*

RESUMO

Foi durante o processo de investigação para a obtenção do título de doutoramento em Estudos Culturais que encontramos muitas referências à dinâmica feminina na Revolução Russa e à forma como as mulheres foram protagonistas na vida revolucionária. Entre as novas formas de comunicar e de produzir cultura, os nomes de mulheres, ligados à Revolução, foram-se destacando, até caírem num imerecido esquecimento. Encontrámos um deles, o da ucraniana Zinaida Serebriakova que, ligada à aristocracia foi, no entanto, uma das figuras principais da pintura da época, intérprete do modernismo e do impressionismo, e que acabou por fazer carreira reconhecida na Europa, deixando a sua terra natal que pouco a reconheceu. Vinda de uma família de artistas, foi uma mulher de exceção, que ocupa uma página de honra na História da Arte Universal.

PALAVRAS CHAVE: Arte; Rússia; Revolução; 1917; Zinaida Serebriakova.

ABSTRACT

It was during the research process for the PhD in Cultural Studies that we found many references to the feminine dynamics in the Russian Revolution and to the way women were protagonists in revolutionary life. Among the new ways of communicating and producing culture, the names of women, linked to the Revolution, became prominent until they fell into undeserved oblivion. We found one of them, that of the Ukrainian Zinaida Serebriakova, who, in connection with the aristocracy, was, however, one of the main figures of the painting of the time, interpreter of modernism and impressionism, and who ended up making a recognized career in Europe, leaving her homeland that little recognized it. Coming from a family of artists, she was a woman of exception, occupying a page of honor in the History of Universal Art.

KEYWORDS: Art; Russia; Revolution; 1917; Zinaida Serebriakova.

* Doutor em Estudos Culturais pela Universidade de Lisboa. Diretor do Núcleo de Investigação Nelson Mandela – Estudos para Paz. Investigador no CLEPUL/Universidade de Lisboa. E-mail: alexandrehonrado@gmail.com

À mulher, pois, ou seja pobre operária que mal ganha para o pão de cada dia, ou opulenta dama vergada ao peso dos seus deveres sociais; às mães que têm filhos a entrar na luta pela existência e que ansiados esperam o conselho, que os guie para a felicidade e para o bem, dos lábios que lhes ensinaram as primeiras palavras e lhes deram os primeiros beijos; como às raparigas que, mal iniciadas nos seus deveres, têm de arcar com um futuro de que nem chegam a compreender as responsabilidades; a todas, repetimos, corre o dever de se deterem, ao menos um instante, a pensar no remédio a dar a tanto mal e a tanta iniquidade. (OSÓRIO, 2015)

A história da Revolução Russa [de Outubro ou Novembro] de 1917, é pródiga num legado de heroínas, que saltam das ruas russas, tornadas depois soviéticas pelo contexto de uma mudança cultural, social e política, efetivamente profunda, para as páginas da História.

Vamo-nos deparando com referências a essas protagonistas revolucionárias, fixando nomes como os de Aleksandra Kollontai (em destaque no ano de 1905¹; era militante do Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Russos, desde 1898); Elena Dimítrievna Stássova (seria secretária do Partido Bolchevique e líder de organizações comunistas internacionais); Inessa Armand (Inessa ou Inês Armand, comunista francesa que viveu a maior parte de sua vida na Rússia); Konkordiya Samoilova (bolchevique e editora fundadora do jornal russo Pravda, em 1912, foi ativista e revolucionária pelos direitos das mulheres trabalhadoras antes da Revolução Russa e devotou sua vida à causa do proletariado feminino); Klavdia Nikolaeva (em 1917, tornou-se editora da revista *Robôtnitsa, Trabalhadora*. Após a Revolução de outubro assumiu altos cargos no Partido Comunista. Foi opositora a Estaline;) e Nadiéjda Krúpskaia, mulher de Lenine; entre muitos, muitos outros nomes que aparecem em textos e referências mas que vão rareando à medida que as datas dos originais vão avançando, até que, em cronologias mais próximas de nós, os textos as omitam totalmente.

Estas mulheres, desafiando o regime dos czares, editaram a (já referida) revista *Trabalhadora (Robôtnitsa)* pouco antes das

¹ Na sequência da guerra entre a Rússia e o Japão, a Revolução Russa de 1905 foi um movimento antigovernamental espontâneo, que se espalhou por todo o Império Russo. Teve como ponto alto e dramático o massacre de 22 de janeiro de 1905 na cidade de São Petersburgo, no Império Russo, onde manifestantes pacíficos marcharam até ao Palácio de Inverno para apresentar uma petição ao czar, mas foram baleados pela Guarda Imperial.

revoluções de 1917 e da Guerra Mundial (que começou em 28 de julho de 1914). O lançamento da publicação aconteceu no Dia Internacional da Mulher de 1914 (fevereiro ou março, de acordo com os calendários), com 12 mil exemplares de tiragem. Faziam parte de conselho editorial Inessa Armand, Aleksandra Kollontai e Nadêjda Krúpskaia, (Nadêjda e Lenine tinham casado na Sibéria, em 1898 ou em 1901, hesitação que depende das fontes disponíveis que por vezes se contradizem).

Em maio e junho de 1917, Nadêjda escreveu no *Pravda* uma série de artigos sobre o trabalho entre a juventude: “*Sobre o Papel e a Importância da União da Juventude*”, “*Luta pela Juventude Operária*”, “*Resposta à Juventude de Moscovo*”, “*Como deve Organizar-se a Juventude*”. Krúpskaia realizou também um grande trabalho de caráter cultural, particularmente entre a juventude do bairro de Viborg. Será, mais tarde, coordenadora do *Glavpolitprosvet*, o Comité Principal para a Educação Política soviética e delegada-coordenadora no Comissariado para a Instrução Pública, militante bolchevique e membro do Comité Central do Partido Comunista da Rússia. No dia do seu enterro, na Praça Vermelha de Moscovo, e um pouco por todo o país, foram realizados atos fúnebres aos quais assistiram centenas de milhares de pessoas. Mesmo assim, também ela cairá no esquecimento em textos e referências.

Caso notável e de destaque foi o de Maria Ivánovna Pokróvskaia, hoje quase nunca referida. Poróvskaia nasceu em 1852, em Níjni Lomov, foi médica e autora de artigos populares sobre higiene, além de memorialista. Feminista radical, fundou em 1905 o Partido Progressista das Mulheres, do qual foi líder. Em 1908, participou do comité organizador no I Congresso das Mulheres de Toda a Rússia. Em março de 1917, fez parte da delegação que se reuniu com o príncipe Lvov (primeiro-ministro entre 15 de março de 1917 e 21 de julho de 1917) para tratar do direito da mulher de votar e ser votada na eleição para a Assembleia Constituinte de dezembro de 1917.).

Até 1917, e desde 1904, Pokróvskaia editou a revista *Jénski Vestnik* que fundou e que foi fechada depois da Revolução.

Neste período, ficou famosa a frase de Inessa Armand:

Se a libertação das mulheres é impensável sem o comunismo, então o comunismo é impensável sem a libertação das mulheres (ARMAND, In: CLEMENTS, 1979)

Uma das figuras maiores da Revolução de Outubro de 1917, Leão Trotsky, não deixa dúvidas sobre o papel das mulheres, na época:

O dia 23 de fevereiro (no calendário juliano, correspondente a 8 de março no calendário gregoriano) era o Dia Internacional da Mulher. Os círculos da social democracia tencionavam festejá-lo segundo as normas tradicionais: reuniões, discursos, manifestos, etc. Na véspera ainda ninguém poderia supor que o Dia da Mulher poderia inaugurar a Revolução. Nenhuma organização preconizava greves para aquele dia. (...) No dia seguinte, pela manhã, apesar de todas as determinações, as operárias têxteis de diversas fábricas abandonaram o trabalho e enviaram delegadas aos metalúrgicos, solicitando-lhes que apoiassem a greve. (...) É evidente pois que a Revolução de Fevereiro foi iniciada pelos elementos de base, que ultrapassaram a resistência das suas próprias organizações revolucionárias, e que esta iniciativa foi espontaneamente tomada pela camada proletária mais explorada e oprimida – as operárias da indústria têxtil, entre as quais, deve-se supor, estavam incluídas numerosas mulheres casadas com soldados. (...) O Dia da Mulher foi bem sucedido, cheio de entusiasmo e sem vítimas. Anoitecera e nada revelava ainda o que esse dia trazia nas suas entranhas. No dia seguinte, o movimento, longe de se apaziguar, dobrou em intensidade (...) (TROTSKY, 1977)

Surpreende-nos, na realidade, ver como essas mulheres são diluídas pelo tempo e pela progressão das vontades do poder até à quase invisibilidade (tanto mais que nesse mesmo ano a população trabalhadora da Rússia era composta maioritariamente por mulheres e crianças, devido ao esforço da Grande Guerra e nos anos seguinte o papel da mulher foi decisivo para a consolidação das mudanças).

Na hora das revoluções (as de fevereiro – ou março – e de outubro – ou novembro) de 1917 elas encabeçaram também os levantamentos mais radicais no país, a lutar pelo que consideravam os seus direitos e pelo derrube de um sistema de dominação.

Mostrar que no início do século XX as russo-soviéticas alcançaram direitos que ainda nos parecem impossíveis e apresenta uma ameaça à ordem vigente. (SCHNEIDER, 2017)

Em 8 de março de 1917, uma manifestação reuniu, na Rússia, mais de 90 mil mulheres contra o czar Nicolau II e a participação do país na Primeira Guerra Mundial. O evento, que também exigia melhores

condições de trabalho e o fim imediato da fome que se alastrava pelo país, tomou proporções inimagináveis e culminou na chamada Revolução de Fevereiro, um prenúncio da Revolução de Outubro, que derrubou o czarismo, deu o poder aos soviets e levou à construção da URSS.²

Se isto se passou com as mulheres revolucionárias, o que dizer, então, daquelas que, afetadas à aristocracia, ou ligadas ao regime deposto por alguma razão de proximidade, atravessaram o período da Revolução e da guerra civil confrontadas com a impiedade da força da mudança?

Escreveu o ensaísta português Miguel Real³ que

O ano de 1917 constitui uma data charneira que revolucionou o mapa das ideias políticas europeias e mundiais provindo do século XIX. Com efeito, os violentíssimos episódios militares sucedidos em plena Grande Guerra, inclusive as novidades da guerra aérea e da guerra submarina, a queda do antiquíssimo império russo e a emergência de um governo dos soviets, plataforma territorial de um proselitismo comunista internacional que durará até 1991, os primeiros indícios da criação de um futuro estado israelita e do futuro estado fascista de Mussolini, o novo estatuto internacional da Igreja Católica desenham o novo mapa geoestratégico europeu que perdurará até 1945, final da Segunda Guerra Mundial.

Foi graças ao estudo desse mesmo ano que chegámos ao contacto com Zinaida Evgenievna Serebriakova e com uma abordagem que nos pareceu interessante sobre a mulher na arte russa no ano das suas revoluções – culturais também! – mais intensas.

^{1d} Idem. *A revolução das mulheres Emancipação feminina na Rússia soviética* é uma antologia com dezenas de artigos, atas, panfletos e ensaios de autoras russo-soviéticas produzidos nesse contexto de convulsão social e política.

Nesses textos de intervenção e reflexão sobre a condição e a emancipação da mulher, destaca-se sobretudo a importância da igualdade entre os géneros na defesa da classe trabalhadora: “a separação entre mulheres e homens interessava apenas ao capital, para a Revolução a luta deveria ser conjunta”. A leitura, que percorre temas como feminismo, emancipação, trabalho, luta de classes, família, leis e religião, permite distinguir que houve, de facto, a conquista de direitos desde então, mas também demonstra que diversos critérios desiguais continuam em vigor, o que torna os textos, apesar de clássicos, mais atuais do que nunca

³Prefácio – intitulado *Portugal um país suspenso no tempo* – ao livro de D’ORSI (2017) que nos foi gentilmente cedido pelo autor para publicação neste trabalho.

ZINAIDA EVGENIEVNA SEREBRIAKOVA – O OUTRO LADO DA REVOLUÇÃO

O nome da ucraniana Zinaida Evgenievna Serebriakova surgiu-nos como uma das mais significativas e prestigiadas pintoras da Rússia do início do século passado. Integrada no que se convencionou chamar “modernismo”, cultora do impressionismo, é merecido o reconhecimento (o que aconteceria fora da URSS onde o seu trabalho seria sempre menosprezado quase até ao fim da vida.

Por mera coincidência, provando a longevidade de um nome que transcendeu muito o país natal e que ainda está bem presente na Europa, viemos a encontrar a pintora ucraniana, em dezembro de 2017, desta vez como fonte de inspiração da moda do vestuário, numa coleção para a marca Ellus⁴, “baseada no impressionismo e nas pinturas de Zinaida Evgenievna Serebriakova”.

Contemporânea das mulheres que protagonizaram as transformações políticas na Rússia, ela operou uma outra revolução, delicada, porém decisiva, ao interpretar de modo ímpar a arte do seu tempo e país de uma forma inovadora.

A razão o nosso encontro com fontes documentais tão específicas, assentou num evento raro e, por sorte, documentado: nas vésperas da revolução socialista de outubro, Zinaida Evgenievna trabalhava, sob a coordenação de um tio, o reconhecido artista Alexandre Dubois, na obra monumental de decoração da nova estação de comboios de Kazan.

Precisamente para o ano 1917 registámos ainda uma outra curiosidade: a de Zinaida ter interrompido uma outra obra, por causa de Revolução de outubro, que intitulara *A Tosquia*, onde um dos seus motivos mais queridos, o bucolismo campestre e a vida no campo, estavam bem presentes.

Ainda deparámos com uma outra fonte, que registava como em Neskuchny, também em 1917, o biógrafo e amigo, que será um atento crítico de arte de Serebryakova, S. R. Ernst (1894-1980), começou a escrever a primeira monografia dedicada ao trabalho da artista.

Zinaida Serebryakova havia de pintar, em 1922, um retrato do mesmo Sergei Rostislavovich Ernst, que espelha bem o talento da

⁴ V. <https://www.myfreelifestyle.com.br/single-post/2017/12/04/ZINAIDA-SEREBRIAKOVA-E-O-IMPRESSIONISMO-DESENVOLVIMENTO-DE-COLEÇÃO-PARA-A-MARCA-ELLUS>, consultado em 17 de dezembro 2017.

pintora e que hoje nos serve como documento para conhecer as feições do escritor.

Conhecemos Zinaida ainda muito jovem, pois legou-nos um lindíssimo autorretrato. Mostra-nos uma jovem de traços delicados, penteando os seus longos cabelos castanhos num quarto de casa rica a julgar pelos adereços e móveis. Segura, numa mão, o cabelo, e o pente, na outra. Pela forma como se retrata, arriscamos que fosse canhota. A ideia reforça-se quando numa segunda pintura em que se retrata, Zinaida segura, uma vez mais, um espelho com a mão esquerda. A pintura intitula-se, apropriadamente, *O Toucador*.

As (não muito significativas mas obrigatoriamente contempláveis) diferenças entre o calendário gregoriano, promulgado pelo Papa Gregório XIII em 1582, e o calendário juliano ou antigo⁵, obrigam a ressalvas quanto às datas de nascimento e morte de Zinaida Yevgennyevna Serebriakova (nome cuja grafia também se regista, no ocidente, como Zinaida Evgenievna Serebriakova). Assim, nasceu a 28 de novembro (ou seja, a 10 de dezembro) de 1884. E morreu em Paris em 19 de setembro de 1967.

Se quiséssemos destacar grandes acontecimentos para o ano de 1884, a ação do czar Alexandre III toma a prioridade. Alexandre III foi um monarca que passou à história como sendo muito conservador e muito deselegante, o oposto dos seus antecessores – os czares Alexandre I e Alexandre II.

O tio de Zinaida, Alexandre Benois, pintor e homem de grande cultura, descreveu assim o czar (cf. KISTE, 2003), num “retrato” aparentemente exato e impiedoso:

Depois de uma atuação do ballet *Czar Kandav* no Teatro de Mariinsky, vi pela primeira vez o imperador. Fiquei impressionado com o seu tamanho e, embora fosse desajeitado e pesado, continuava a ser uma figura poderosa. De facto, havia nele algo de “muzhik” (camponês russo). A expressão dos seus olhos brilhantes também me impressionou. Enquanto ele passava por onde eu estava, levantou a cabeça por um segundo e, até hoje, recordo-me do que senti quando os nossos olhos se cruzaram. Era um olhar frio como o aço, no qual havia algo ameaçador, até assustador e atingiu-me como um golpe. Um olhar do czar! O olhar de um homem que estava acima de todos os outros, mas que carregava um fardo

⁵ Um calendário do tipo *lunissolar*, isto é, baseado nos movimentos da lua e da terra em relação ao sol, preparado pelo líder romano Júlio César no ano 46 a.C., na qualidade de pontífice máximo do Império Romano.

monstruoso e vivia cada minuto com medo pela sua vida e pela vida de todos os que lhe eram queridos. Em anos posteriores encontrei-me com o imperador várias vezes e não me senti nem um pouco tímido. Em certas ocasiões o czar Alexandre III chegava a ser gentil, simples e até... caseiro.

Como destaques de 1884, registamos ainda para Portugal, a sua participação na Conferência de Berlim, cujo objetivo declarado era o de "regulamentar as ocupações de territórios sobre a costa ocidental da África". No Brasil, assinala-se a abolição da escravidão no Estado do Ceará e no Amazonas. O Papa Leão XIII promulga a encíclica *Humanum Genus*, onde condena a Maçonaria. *Humanum Genus* (*O género humano*) é uma decisão do Papa Leão XIII e na encíclica denuncia as ideias filosóficas e concepções morais opostas à doutrina católica, nomeadamente a franco-maçonaria⁶.

Nos Estados Unidos, na mesma altura, um pequeno grupo de mulheres insatisfeitas com a resistência por parte dos homens dos grandes partidos ao sufrágio feminino, anunciou a formação do Partido Direitos Iguais. A Convenção Nacional do Partido Direitos Iguais foi realizada em 20 de setembro de 1884 em São Francisco.

A convenção nomeou a advogada de Washington Belva A. Lockwood para presidente e Marietta L. Stow para vice. Belva terá afirmado: "Não posso votar, mas posso ser votada." Foi a primeira mulher a executar uma campanha política completa. (Victoria Woodhull realizou uma campanha mais limitada em 1872). O partido não possuía dinheiro, mas Lockwood deu palestras para pagar viagens de campanha. Teve menos de 500 votos.

Zinaida é amplamente conhecida entre os que gostam de pintura. O seu trabalho é sobretudo apreciado fora da Rússia e da sua Ucrânia natal, o que a vários títulos pode ser considerado uma injustiça – ou o adiar de um reconhecimento mais do que merecido. Se quisermos ver a razão do “insucesso” através do olhar mais pessimista da história, diríamos que Zinaida foi vítima de um combate desigual entre a arte do proletariado e a arte aristocrática, entre o realismo socialista e uma forma de modernismo que concebia a arte de uma forma muito própria e assinava revoluções estéticas com as cores que não estavam na moda. A somar a tudo isto, Zinaida Serebryakova irá partir para a Europa, deixando memórias e alguns trabalhos para trás, que admiradores e

⁶ Texto integral no site do Vaticano: http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html. Consultado em 18 de Dezembro de 2017.

coleccionadores mais sensíveis não tardaram em guardar. Só em 1965 teria direito a uma exposição individual na terra onde nascera, mas rodeada de recatados sussurros, silêncios cautelosos, como se o seu nome não devesse ser pronunciado. Não obstante, apesar dos seus oitenta anos de vida, na primavera de 1965, deslocou-se de Paris à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, para presenciar a exposição, junto da terra que, afinal mais a inspirou e mais pintou. As exposições do jubileu de 1965 em Moscovo, Leningrado e Kiev, os esforços dos filhos da artista e os estudos do crítico de arte de Leningrado, Knyazeva, abriram um verdadeiro quadro da vida e realizações proporcionando a artista ao público russo e ucraniano.

Zinaida nascera, em 1884, no seio de uma família profundamente ligada à arte. Uma família que vivia com riqueza, e que desfrutava de uma rica propriedade, a de Serebryakov-Lansere *Neskuchnoye*, junto à aldeia de Vesyooye a pouca distância de Kharkiv (a Carcóvia ucraniana, homónima da Carcóvia polaca; esta Carcóvia ou Kharkiv é uma das maiores cidades da Ucrânia localizada na região homónima. Localiza-se no leste do país).

O avô e o bisavô eram arquitetos. O pai, escultor. A mãe, uma desenhadora muito hábil. O irmão mais velho, Evgeny Evgenevich Lansere e Alexandre Benois, seu tio, por parte materna, figuras notáveis da arte russa. Alexandre foi uma das mais influentes presenças no movimento *Miriskusstva* ou *Mundo da Arte* (em russo: *Мирикусства*) que era simultaneamente uma revista russa e um grupo artístico.

O movimento exerceu uma grande influência na arte europeia da primeira década do século XX. Os seus membros eram conhecidos como *miriskusniki*, Serguei Diaguilev empresário artístico russo e fundador dos Ballets Russes, uma das mais famosas companhias de bailado de sempre, foi chefe editorial da publicação e membro ativo do grupo. A fundação de “*O Mundo da Arte*”, tinha como missão divulgar a pintura e a arte russas em geral.

Diaguilev era um homem de notável cultura, podendo ser considerado como um autêntico símbolo do século XX. Com ele e com Alexandre Benois estavam, na primeira linha, outros artistas de renome, como Leon Samoïlovitch Bakst, pintor, cenógrafo e ilustrador e o pintor Konstantín André evychSómov.

Zinaida integrará o grupo, em 1911.

A Revolução, todavia, iria exigir muito mais. Reclamava uma concepção estética para um novo mundo, mesmo que isso equivallesse à quebra com toda a estética antecedente. Será errado

dizer, como se escreveu anos depois, que essa arte era simples, que procurava a comunicação imediata e que, a dado passo, servia para agradar a um ditador inculto – um dos mitos da história criado sem grandes bases (cf LOSURDO, 2010).

Diz-nos Patrícia Danza Greco⁷:

Entre 1917 e 1922, uma cultura modernista acabou se consolidando, em geral vanguardista, coletivista e difundida. Dentre suas expressões mais notáveis estavam o cinema revolucionário, o teatro político, os grandes projetos urbanísticos modernos, as artes gráficas, o Construtivismo, com sua crença na utilização de formas artísticas para fins utilitários, e o Suprematismo. Entretanto, assim que o governo viu-se forte e sozinho no poder, a liberdade que fora a tônica que regera os últimos anos deu lugar à suspensão dos subsídios à boa parte das escolas de arte, que haviam se multiplicado. Em primeiro lugar porque os tempos de escassez urgiam pela contenção de despesas. Em segundo porque, diante de uma obra realista e de uma abstrata, os pensamentos mais conservadores prevaleceram – tanto do governo quanto da sociedade –, e os poucos recursos foram direcionados para as produções realísticas. A partir da morte de Lenine, em 1924, a situação agravou-se ainda mais e tornou-se insustentável depois da renúncia de Lunatcharski de seu cargo como comissário do *Narkompros*.

MODERNISMO E IMPRESSIONISMO

Falar de modernismo é aceitar uma designação genérica para uma profusão de contrastes. Talvez modernismo fosse mais aceitável, em lugar de modernismo (ou de movimento modernista) como síntese do conjunto de movimentos culturais, escolas e estilos que se identificam nas artes, da pintura ao design, da primeira metade do século XX. Justamente se diz e diz a Academia que não se pode falar em Modernismo mas em modernismos (BRADBURY e MCFARLAN, 1989). Existindo pontos de convergência entre os vários movimentos, há muitas diferenciações e até antagonismos. Falando aqui, sobretudo, de Zinaida Lansere Serebryakova é no impressionismo (BALZI, 1992), parte original dos modernismos, que nos detemos.

⁷ GRECO, Patrícia Danza. *Arte e Revolução na Rússia Bolchevique*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. s.d. disponível em <http://www.uff.br/revistacontracultura/Arte%20Revolucao%20Greco.pdf>, consultado em 03 de janeiro 2018.

De Leste chegaram sempre grandes nomes da Arte em geral. A arte abstrata que, a seu modo e decididamente, revolucionará o ocidente, “nasce” de um moscovita, VassiliKandinski, e de um ucraniano, Kazimir Malievitch. Kandinski estudou e trabalhou na Alemanha (e seguiu a vertente da abstração lírica, também conhecida como informal); Malievitch, na Rússia, escolheu as formas geométricas como meio de representação de um mundo novo. Um mundo novo que era a razão de atuar do Suprematismo - o movimento artístico russo, centrado em formas geométricas básicas, particularmente o quadrado e o círculo, e tido como a primeira escola sistemática de pintura abstrata do movimento moderno e da perseguição de um (novo) conceito de *pintura pela pintura* – mas também de outras emergências vanguardistas, como o cubismo, o futurismo, o cubo-futurismo e tantos rótulos. Estes inovadores culturais eram “subversivos nas suas concepções de arte, ou cósmicos (e na Rússia) místicos nas suas aspirações, [mas] não se interessavam pela política da esquerda e tinham poucos contactos com ela. Depois de 1910, até o jovem poeta e dramaturgo bolchevique Vladimir Mayakovsky, abandonou a política durante algum tempo.” (HOBSEAWM, 2014, p. 231)

Em 1917 e nos anos que se lhe seguiram, a Revolução e o Suprematismo tinham linhas coincidentes: “a arte da revolução consistia na própria revolução da arte”.

O primeiro grande momento de fratura com uma continuidade que se prolongava há muito, terá acontecido antes, com o impressionismo, movimento que surgiu na pintura francesa do século XIX. Vivia-se nesse momento a chamada *Belle Époque*.

O nome Impressionismo provém da obra "Impressão: nascer do sol", de Claude Monet (que apesar disso não se considerava um impressionista) e terá como principal paladino Charles Baudelaire, o poeta boémio, teórico da arte.

O impressionismo não agradou de imediato à Europa do século XIX, já que os estilos que então se haviam afirmado eram completamente opostos: o Neo-classicismo, o Realismo e o Romantismo. Estes três movimentos preocupavam-se com a linearidade. O Neo-classicismo, também se preocupava com a perfeição, a ponto dos pintores corrigirem os seus modelos para atingi-la. O Realismo, por outro lado, preocupava-se em retratar a realidade exatamente como ela era. Já o trabalho romântico era extremamente subjetivista.(WOLFFLIN, 1989)

Mas os mais importantes artistas e intelectuais de toda a Europa, sob a influência de Charles Baudelaire, possuem o desejo

de mudança. Baudelaire acreditava que era necessário que o olhar do artista fosse desprovido de preconceito e que houvesse um compromisso com o instante fugidio. Este desejo de mudança traduz-se em experimentação de reformulação pictórica, que mais tarde levaria a pintura a ficar livre para traçar um novo caminho

O OUTRO LADO DA ESTÉTICA

Em 1886, após a morte da mãe de Zinaida, o pai dela, o escultor Yevgeny Lansere, juntamente com seis filhos, vai para casa do seu próprio pai, em São Petersburgo. Localizada ao longo do rio Neva, na entrada do Golfo da Finlândia, no Mar Báltico, a cidade de São Petersburgo é a segunda maior da Rússia e um dos centros mais intensos da produção e concentração artística mundial. Será sobretudo uma fonte excepcional de inspiração e de aprendizagem para a jovem Zinaida.

A cultura da família foi sempre muito especial, dominada pelo culto da arte clássica, por interesses espirituais e artísticos, e pelas influências do avô de Zinaida, Nicholas Lansere, e das suas histórias sobre a Itália da Antiguidade e do Renascimento que despertaram em Zinaida o gosto inequívoco por um mundo de beleza, apoiado em visitas frequentes às exposições, ao Hermitage, bem como na familiaridade com os livros da extensa biblioteca da casa. Todos os membros da família foram constantemente envolvidos no trabalho criativo, com paixão – e o gosto de Zinaida pela pintura pareceu a todos uma coisa natural.

A infância e a juventude de Zinaida foram passadas, assim, em São Petersburgo, onde seu avô, o arquiteto Nicholas Lansere vivera boa parte da sua vida.

Com este enquadramento familiar, os anos de estudo fora de casa não duraram muito. Em 1901, estudou na escola de arte liderada por Ilya Repin, e mais tarde foi ensinada por Osip Braz. Ilya Yefimovich Repin foi um pintor e escultor do movimento artístico Peredvizhniki e um dos mais importantes pintores do realismo. Osip Braz era fascinado pela Europa, onde estudou. Entre o seu trabalho mais conhecido foi um retrato de 1898, do escritor Anton Chekhov, embora tenha pontado muito e retratado figuras importantes do seu tempo.

As primeiras obras de Zinaida, apareceram numa exposição em 1909, e revelam um estilo próprio e um campo de interesse muito bem definido.

Ao estudar arte clássica no Hermitage e, mais tarde, nos

museus de França e de Itália, tomou contacto com as obras de Jacopo Robustiditto o “Tintoretto”, Nicolas Poussin, Jacob Jordaens e Peter Paul Rubens, reveladoras de poderosas formas plásticas e sobretudo de personagens nacionais muito bem trabalhados. Mas acima de tudo, ela foi cativada pela pureza e castidade das imagens de um mestre que a marcará de forma definitiva: Alexey Gavrilovich Venetsianov, pintor russo, famoso pelas suas pinturas sobre a vida dos camponeses e de pessoas comuns.

A simplicidade e harmonia interna inerente aos camponeses de Venetsianov e proporcionavam-lhe um vínculo inseparável entre esses traços e a natureza russa. "Não me canso de ver as obras desse artista maravilhoso", escreveu depois⁸.

Entre as suas influências mais marcantes, é natural então que a estada em *Neskuchnoy* esteja bem presente. As cores, a vida rural, uma dimensão da liberdade (natural e não política, diríamos). A muito própria plasticidade dos movimentos dos camponeses a trabalharem. O amor e a beleza – duas presenças numa pintura de afetividade e afetos. As suas primeiras obras interpretam essa harmonia – *Rapariga do Campo*, de 1906, hoje no Museu Russo, de São Petersburgo, *Pomar em flor*, de 1908, hoje em coleção privada – são já peças perfeitas dessa busca – e de uma procura de fixação de uma faceta da terra russa. O que mais se destaca nestas obras é a juventude da autora e o seu domínio técnico (Zinaida acabara de entrar na casa dos 20 anos de idade.)

O amplo reconhecimento público da pintora veio com a exibição do auto-retrato de Serebryakova, *Toucador* (1909, Galeria Tretyakov); que foi pela primeira vez apresentado em público numa grande exposição montada pela União de Artistas Russos em 1910.

Alexander Benois escreveu sobre o retrato:

Uma jovem vive numa área rural remota ... e não tem outro prazer, nenhum outro prazer estético nos dias de inverno que a isolam do mundo inteiro, do que ver o seu rosto, jovem e alegre no espelho e assistir ao jogo de seus braços e mãos nus com um pente ... O seu rosto e tudo mais no retrato é jovem e fresco. Não há vestígios do refinamento modernista. Mas a atmosfera simples e real, iluminada pela juventude, é alegre e adorável.

Zinaida tem assim na sua obra a síntese do imaginário burguês de uma Rússia (aristocrata, mas também tradicionalmente

⁸Para conhecer melhor a pintora ver: RUSAKOVA (2006).

camponesa) a primeira em extinção, a segunda a perder os seus moldes mais tradicionais, aliando uma inspiração bucólica e rural, agigantada pela passagem pela grande cidade, às mudanças de uma época.

O resultado é uma obra muito intensa, delicada, mesmo afetiva, com motivos muito próprios e que a vai destacando, desde o primeiro e notável autorretrato, seguido por uma intensa produção dos anos 1911 e 1912, produzindo obras já muito rigorosas (hoje em coleções privadas ou em museus russos). Retratos de inúmeras pessoas, entre elas a mãe da artista Yekaterina Lansere, vão-se aprimorando.

Entre 1914 e 1917, Zinaida Serebryakova estava no seu auge. Durante esses anos, produziu uma série de imagens sobre o tema da vida rural russa, o trabalho dos camponeses e do campo russo que era tão caro ao seu coração. O mais importante desses trabalhos foi uma tela cujo título em português seria, em tradução literal, “roupa a corar” – expressão que se usa quando a roupa é posta ao sol, para secar e avivar as cores. É uma tela de 1917, hoje no museu de São Petersburgo, que revelou o talento impressionante de Zinaida Serebryakova como uma artista monumental. As figuras das camponesas, retratadas em contraste com o fundo do céu, ganham majestade e poder em virtude do horizonte baixo. O quadro é dado como exemplo do simbolismo e do impressionismo, sendo a um tempo realista. A composição de cores, combinação de grandes áreas de vermelho, verde e castanho, empresta à imagem de pequenas dimensões a força de uma tela monumental-decorativa ou parte de um grande friso. Este trabalho magnífico é considerado como um hino ao trabalho das camponesas. Esta linha de trabalho de Serebryakova vai torná-la um caso isolado junto à Sociedade *Mundo da Arte* (Мири́скýства) de que era membro por direito próprio. Destaca-se dos outros membros do grupo por causa da preferência por temas populares e pela harmonia, plasticidade e natureza generalizada de suas pinturas.

Quando, em 1916, Alexander Benois foi contratado para decorar a estação de Kazan em Moscou, ele convidou Yevgeny Lansere, Boris Kustodiev, Mstislav Dobuzhinsky e Zinaida Serebryakova para ajudá-lo. Serebryakova escolheu o tema do Oriente: Índia, Japão, Turquia e Sião são representados alegoricamente sob a forma de mulheres bonitas. Ao mesmo tempo, começou a composições sobre temas da mitologia clássica, mas estes permaneceram inacabados. Na sua obra, o elemento feminino é fundamenta e profundamente pessoal.

Zinaida casou com Boris Serebryakov, engenheiro ferroviário, mas o casamento dura poucos anos. Boris morreu, vítima de tifo, e Zinaida ficou com a mãe e quatro filhos nas mãos.

Boris Anatolyevich Serebryakov é primo de Zinaida. A sua mãe, é a irmã do pai da artista. Desde a infância, Zina e Borya foram criados juntos. Eles estão sempre perto um do outro, não só em São Petersburgo como em Neskuchny. Amam-se e estão prontos para unir suas vidas, e os parentes aceitam este relacionamento. Mas a dificuldade reside no facto de que a igreja não encoraja os casamentos entre parentes próximos. E há duas igrejas para darem as suas opiniões. Zinaida segue a fé católica romana e Boris os ortodoxos.

Após longos problemas, viagens a Belgorod e a Kharkov, as autoridades espirituais finalmente aceitam eliminar os obstáculos, e em 9 de setembro de 1905, o casamento ocorre.

Zinaida sempre envolvida na pintura, Boris a preparar-se para se tornar engenheiro ferroviário.

Boris Serebryakov era um homem de pensamento progressivo e, iluminado. Durante a primeira revolução russa, ele participou em comícios, em São Petersburgo, apoiando o desejo dos camponeses de obterem terra. Como estudante, no Instituto de Engenharia Ferroviária de Petersburgo, sonhava em trabalhar na Sibéria. E essa atração por terras distantes, pela nova atividade que lhe parecia cheia de potencialidades, mesmo conhecendo os riscos inerentes, foi compartilhada por Zinaida.

No auge da guerra russo-japonesa, Boris estava na Manchúria, em serviço e encontrou-se em Liaoyang quando o exército russo sofreu uma esmagadora derrota.

A família ficou aflitíssima, mas tudo acabou em bem e os jovens casaram-se, seguindo para Paris. Com esta viagem, cada um deles tinha planos específicos. Zinaida frequentou a Academia da Grande Shomiere, onde pintou sobretudo temas ligados à natureza, e Boris matriculou-se na Escola Superior de Pontes e Estradas.

Um ano depois, Zinaida Serebryakov voltou para casa. Em Neskuchny trabalha intensamente – estudos, retratos e paisagens. Boris dedica-se à propriedade de ambos, muda juncos, planta macieiras, promove a o cultivo de terras e culturas. Tem também um grande interesse pela fotografia.

Em agosto de 1914, Boris Serebryakov é o chefe do grupo de pesquisa sobre a construção da ferrovia de Irkutsk-Bodaibo, e, mais tarde, até 1919, participa da construção da ferrovia de Ufa-Orenburg. O casal tem quatro filhos neste período – Zhenya e

Shura, Tatiana e Kátia que foram mais tarde herdeiros do talento da família materna, tornando-se artistas, arquitetos, decoradores.

O infortúnio, no entanto, entrou em erupção durante a guerra civil. No caminho para Kharkov, quando se abrigava numa barraca militar, Boris ficou infectado com tifo morrendo alguns dias depois. A Guerra civil, a tragédia pessoal obrigou Serebryakov a deixar a Rússia e a procurar uma vida nova em França.

Numa carta de Petrogrado a um colega, estudante de arte, Tesslenko em 28 de fevereiro de 1922, Serebryakov, geralmente extremamente reservada, admite: "... Para mim, que sempre precisei de ser amada e de estar apaixonada para sentir a felicidade, e sempre o estive em criança, sem o perceber, pois não percebia a vida e que estava feliz, acabei por conhecer, realmente, a tristeza e as lágrimas. Solidão, velhice e angústia estão no nosso corpo, mas na alma há tanta ternura e tantos sentimentos inalterados". E em 1952, Zinaida Serebryakova escreveu à sua filha Tatiana " Não acredito que mais de um quarto de século tenha passado sem ele!" Todos esses anos ela viveu constantemente a pensar no seu marido, evocando a sua memória e usando-o como um eterno conselheiro. Quatro retratos de seu marido, que foram pintados por ela, são mantidos nas coleções de Tatiana e Eugene Serebryakov, da Galeria Tretyakov e da Galeria de Fotos Novosibirsk.

O “EXÍLIO” DE PARIS

A Revolução de outubro tinha encontrado Zinaida em Kharkov, a trabalhar no recém-criado museu arqueológico da Universidade de Kharkov. No outono de 1920, recebeu ofertas para se transferir para o departamento de museus de Petrogrado ou, em alternativa, aceitar o lugar de professora na Academia de Artes. Em dezembro de 1920, a pintora já estava em Petrogrado. No entanto, recusou os cargos no museu e no ensino, preferindo trabalhar no estúdio. Entre 1921-1924, terá cumprido ordens de design individuais e certamente, poderia tornar-se um grande mestre da arte soviética. Mas, extremamente crítica de seu trabalho, modesta e tímida, não se atreveu fazer cartazes de campanha, design de edifícios públicos e das festividades revolucionárias de massa, como outros artistas do seu tempo. Durante esses anos, esteve ocupada a pintar retratos. Nos primeiros anos após a revolução, o país iniciou uma animada atividade de exposições e Zinaida participou em várias exposições em Petrogrado. Em 1924 expos trabalhos seus numa grande exposição de arte russa na América, organizada com o objetivo de

assistência material aos artistas. Das catorze obras de Zinaida Evgenievna, duas foram vendidas imediatamente.

Em 1920, a família tinha-se mudado para Petrogrado. Quando a filha mais velha aprende balé, o tema do teatro passa pelo trabalho de Serebryakova que retrata bailarinas antes das apresentações.

No outono de 1924, Serebryakova foi a Paris, onde recebe a encomenda de um grande mural decorativo. Pretendia voltar para a Rússia, onde a sua mãe e dois filhos permaneciam mas acaba por permanecer em França.

Os críticos da obra de Serebryakova detetam uma profunda nostalgia nos temas e na forma como os aborda, uma saudade da terra natal e da Rússia, uma insatisfação criativa. Tudo o que produziu depois de 1924, isto é, em França, indica que continuou presa ao seu tema favorito da vida popular, permanecendo fiel à arte do realismo.

Zinaida Serebryakova viajou muito. E em toda parte onde esteve (Argélia, Bretanha, França, Marrocos ou Suíça), a inspiração era invariável: o povo comum, a simplicidade dos usos, costumes e a autenticidade de pessoas e paisagens. Entre as melhores obras que produziu como resultado dessas viagens, estão os retratos de camponeses e pescadores da Bretanha. Paisagens, retratos, beleza, a natureza humana, o próprio ser humano, as mulheres, são os tópicos de uma obra notável.

Uma vida excepcional, em ambientes excepcionais, determinou o humanismo dos ideais da nova arte, a busca de imagens heroicas, a glorificação do mundo da beleza, do bem e da alegria. Tais eram os ambientes do meio ambiente que rodeavam a artista e que a formaram como tal.

Em Petrogrado, Zinaida formou-se como pessoa, em Neskuchnyo seu talento atingiu seu auge. A estrada de saída de Neskuchnoe foi a porta de entrada para o mundo. Serebryakova manteve sempre vivo este pedaço de terra nativa.

Conheceu muitos artistas notáveis da Rússia e da Europa, – A. Benois, E. Lansere, K. Somov, A. Akhmatova, Yu. Annenkov, S. Prokofiev. Foi em Neskuchny em 1917 que o biógrafo e amigo do crítico de arte de Serebryakova, Sergei Rostislavovich Ernst, começou a escrever a primeira monografia dedicada ao trabalho da artista (dada a conhecer apenas em 1922) e que em fragmentos, em traduções variadas e em catálogos de exposições e museus, ajudaram a escrever esta síntese.

Em 1966, uma grande exposição das obras de

ZinaidaSerebryakova foi montada em Moscovo, Leningrado e Kiev. Em 19 de setembro de 1967, com a idade de oitenta e dois anos, a pintora morre em Paris, ficando, no entanto, ligada para sempre às mais belas paisagens do mundo.

FONTES MANUSCRITAS, ELECTRÓNICAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Catálogo do 125º Aniversário do Nascimento de ZinaidaSerebriakova, Museu Nacional de Arte da República da Bielorrússia, Minsk.

<https://www.myfreelifestyle.com.br/single-post/2017/12/04/ZINAIDA-SEREBRIAKOVA-E-O-IMPRESSIONISMO-DESENVOLVIMENTO-DE-COLEÇÃO-PARA-A-MARCA-ELLUS>, consultado em 17 de dezembro 2017.

http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html.

BIBLIOGRAFIA

BALZI, Juan José. *O impressionismo*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BRADBURY, Malcom e MCFARLANE James. (Org). *Modernismo Guia Geral 1890-1930*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

CLEMENTS, Barbara Evans. *Bolshevik Feminist: The Life of Aleksandra Kollontai* (Bloomington: University of Indiana Press, 1979).

D'ORSI, Angelo. *1917 o ano que mudou o mundo*, Lisboa: Bertrand Editora, 2017.

GRECO, Patrícia Danza. *Arte e Revolução na Rússia Bolchevique*. Niterói: Universidade Federal Fluminense.

HILTON, Alison L. *Zinaida Serebriakova*. Woman'sArt, Inc. *Woman'sArtJournal*, 1982-1983.

HOBSBAWM, Eric. *Tempos de ruptura – cultura e sociedade no século XX*. Rio de Moura: Divina Comédia, 2014.

KISTE, John Van Der. *The Romanovs: 1818–1959*. Stroud-Gloucestershire: Sutton Publishing, 2003.

LOSURDO, Domenico. *Stalin: História crítica de uma lenda negra*. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

OSÓRIO, Ana Castro. *Às mulheres portuguesas*. Lisboa: Bibliotrónica Portuguesa, 2015.

RUSAKOVA, AllaAleksandrovna. *ZinaidaSerebriakova 1884-1967*. Moscou:

Iskusstvo-XXI vek, 2006.

SCHNEIDER, Graziela.(Org.) (2017) *A Revolução das Mulheres: Emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

TROTSKY, Leão. *A História da Revolução Russa*. Editora Paz e Terra, 2ª Edição, vol.1, capítulo VII, 1977.

URSO, GrazielaSchneider (Org.) *A Revolução das Mulheres: Emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

WOLFFLIN, Heinrich.(1989). *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

YABLONSKAYA, M.N. *WomenartistsofRussia'snew age, 1900-1935*. Nova York: Rizzoli, 1989.

Recebido em 20/11/2017

Aprovado em 10/12/2017

